

FOLHAS NOVAS

Factos e razões

Composição e Impressão
Typ. M. Reis Gomes — R. da Moeda, 14

Director, editor e proprietario
Floro Henriques

Redacção e administração
R. do Loureiro, n.º 58, 1.º — COIMBRA

UMA PALESTRA AO BORRALHO

A Liberdade é o pão que os homens devem ganhar com o suor do seu rosto. — LAMENAIS.

Uma d'estas noites em que a chuva era a cantaros, o meu visinho João, o amigo João, como eu lhe chamô, veio até ao meu borralho para me contar uma anedocta.

— Conta lá isso, amigo João, disse eu deveras encantado por ver ali uma creatura tão generosa, tão bôa, tão modesta, mas muito amiga de saber as coisas pelos seus nomes proprios.

E o João começou:

— Hoje furei o vinho novo e, segundo o costume, enchi um garrafão que eu mesmo fui levar ao padre. Ora quando elle lá me viu, não houve festa que me não fizesse. Chamou-me *sr. João, tio João, amigo João, João amigo*, e por fim era só *João isto, João aquillo*, tal qual como se eu fôsse um rapaz do seu tempo e da sua bugalha. O caso é que eu estava a gostar do typô. Em certa altura, porém, a proposito já não sei de quê, eu falei em Liberdade, como falo sempre, seja deante de quem fôr. Pois não imaginas a mudança que logo se deu naquella cara. Até ali parecia uma flôr em maio, toda aberta. Pois mal eu pronunciei a palavra, pôz-se logo com umas ventas que eu até estive para lhe perguntar se lhe doía o figado. Mas não tive tempo, porque o sujeito olhando para mim, de frente, perguntou-me o que é que eu entendia por *liberdade* e qual era a *liberdade* de que eu falava.

— Ora essa, sr. prior, exclamei eu muito admirado; pois então elle ha mais que uma Liberdade? Liberdade é a Liberdade. Não ha senão uma Liberdade.

— Respondeste bem, João. E elle que disse?

— Carregou ainda mais a sobrançêlha e disse que não. Que havia muitas liberdades. Mas... que nenhuma merecia o nome de liberdade senão aquella que a Igreja ensina ao povo.

— E disse-te qual era?

— Falou em santos padres e em concilios. Referiu-se ás Escripturas e aos Apostolos, acabando por me dizer que a Igreja e só ella é que possuia a Verdade. Até latim para ali trouxe. Mas no que elle mais insistia era na historia dos papas e dos santos martyres que, segundo elle dizia, morreram pela Liberdade.

— E tu, que lhe disseste?

— Eu, como não conheço os livros lá da fé, nem a historia dos papas, fiquei de bôca aberta, sem saber o que devia responder. Ainda assim, quando elle me falou na sciencia e no progresso, dizendo que a civilisação era inimiga da religião, eu atirei-lhe esta bisca: Mas se o senhor não gosta da civilisação, deve combater as invencões dos homens. Porque razão, pois, traz ahí botas de borracha e faz viagens de comboio? Devia andar descalço e a pé.

— O quê? Tiveste coragem de lhe dizer tal coisa?

— Olá se tive. Mas ficou como um gato assanhado. E só me disse que se eu *soubesse o que dizia, não teria pronunciado taes palavras*. E o caso é que não tornou a rir-se para mim e quando foi ao despedir-se, só me disse: Adeus, sr. João.

Quando me vi na rua, de garrafão vasio e ferido na minha dignidade de homem, disse cá para mim: Ora para que lhe levei eu aquelle almude de vinho? Elle que é mais rico, que tem mais saber, mais poder, que não tem filhos...

O caso é que quando entrei em ca-

sa, disse á mulher:

— Maria: a orelheira que tu queres mandar ao padre, para o Natal, fica sabendo que a quero comer logo á noite.

E assim foi. Venho d'ella. Estava de primeira ordem.

Não ha padres liberaes

— Pois amigo João, nunca te ouvi falar assim, com tanta clareza nas palavras e tamanho bom senso nas razões. Ora vê tu; não ha como a gente conhecer de perto as pessoas. Tu só hoje pudeste conhecer o padre. E porquê? Porque só hoje elle se te abriu e tu a elle. Porque só hoje podeste ver e compreender quanta má vontade e quanto odio contra os homens livres existe no coração do padre. E olha que todos são assim. Todos espirram forte em lhe cheirando a Liberdade.

— Mas já tenho ouvido dizer que ha padres liberaes.

— Não ha, porque não póde haver. E' impossivel. Já lá vão os tempos em que se dizia: E' um padre liberal; é um padre do século. Esse falso conceito acabou desde que Veillot, celebre escriptor religioso, muito amado da Egreja, disse num dos seus escriptos: «Padres libereses? Não compreendo. Um bom padre não é liberal e quando é liberal é um mau padre».

Essa lenda acabou ainda com a publicação do *Sylabus*, escripto pelo papa Pio IX, para servir de guia a toda a Egreja, e onde se condena todo aquelle que quizer harmonisar a religião com a liberdade, a fé com a razão, o dogma com a sciencia, a revelação divina com a experiencia dos factos.

O padre é, pois, um natural inimigo da Liberdade. E sê-lo-ha emquanto vestir uma sotaina e trazer um cabeção á roda do pescoço. Porque esse cabeção é a argola de ferro que a *companhia* lhe chumbou em volta da garganta e pela qual o puxa sempre que d'elle exige qualquer acto, que logo executará, não segundo a consciencia ou a razão, mas segundo os interesses da seita.

Eu sei que ha padres que se dizem liberaes. Coitados: é a desculpa que

dão para ver se podem ser honrados. Mas como, sem rasgarem o cabeção e fugirem da tutela do papa?

— Alguns são intelligentes...

— Mas não são liberaes, aliás fariam como João Bonança, que deixou de ser padre para poder ser Homem. Porque o padre só começa a ser homem desde o momento que renega a sua profissão. Até ahí é um escravo e um môço, um explorador e um embusteiro. Escravo dos dogmas, môço do papa, explorador da ignorancia do povo e embusteiro da fé.

Para que melhor possas compreender o sentido d'estas palavras, vou ler-te algumas passagens da *Biblia Sagrada*, onde tu verás de que raça é a liberdade dos padres.

— E eu que gosto de ouvir. Mas não ha de ser em latim, como elles fazem.

— Não. O latim é para elles, porque não querem que vocês saibam as poucas vergonhas que se dizem nesses livros da Egreja por onde elles resam e casam e baptisam e absolvem e enterram.

A Egreja e a Liberdade

— Pois, amigo João, se esse padre me falasse a mim na tal liberdade da Egreja, eu abria logo este livro e dizia-lhe: Sr. padre: a sua liberdade é a liberdade do ódio e da morte. A sua liberdade é a mesma de Elias, quando manda degolar os oitocentos e cincoenta profetas de Baal (III — Reis xviii). E' a mesma que David proclama e bendiz quando incita os israelitas a que persigam e matem os que não sigam a sua religião (Salmos 129, 124 e 125). Quando o pontifice Mathias degola um heretico sobre um altar, faz isso em nome da sua liberdade. E quando Moisés exclama (Exodo 31 — 14 e 15): «Todo aquelle que trabalhar no dia santo deve ser condenado á morte — está lançando as bases do codigo civil e religioso por onde a Egreja ha de medir os seus actos. E' o vosso guia e mestre».

Depois dir-lhe-ia, sempre com este livro aberto, que esse Moisés, legislador da Egreja, pune com a pena de

morte, *por ordem de Deus*, um pobre homem que apanhára lenha ao dia santo. E no Levítico (10 — 1 e 2) são fulminados e mortos por Jeovah, que é o mesmo que dizer — o Padre Eterno — dois filhos de Aarão, só porque ofereceram incenso a Deus, sem que isso lhes fôsse ordenado!

Para que vejas com mais precisão ainda o que seja essa tal liberdade que a Igreja ensina ao povo, vou ler textualmente algumas passagens d'este celebre código ecclesiastico, que é a Bíblia.

Ouve. E' do Deuteronomio, capitulo 13. Trata-se da lei a applicar aos que adoram deuses estranhos e seguem religiões diversas:

«15. Mata immediatamente os habitantes d'aquella cidade e destrõe-a com todos os que estiverem dentro, até os animaes e passa-os a fio de espada.

«16. E junta os despojos da cidade no meio da sua praça e queima-os juntamente com a cidade, em honra do Senhor teu Deus; e seja aquella cidade um montão eterno de ruínas e nunca mais se reedifique.»

No psalmo 78-6, lê-se: «Espalha, Senhor, a tua ira sobre a gente que não te conhece e sobre os reinos que não invocam o teu nome.»

E no psalmo 108, Deus, falando dos herejes, dá estas leis á Igreja:

«Sejam abreviados os seus dias; fiquem seus filhos orfãos e sua mulher viúva. E vão os seus filhos vagueando, perdidos, d'um lado para outro e mendiguem e sejam lançados fóra das suas habitações. O usurario dê caça a todos os seus bens e roubem os estranhos o fructo dos seus trabalhos. Não haja ninguém que lhes estenda a sua mão benigna e ninguém tenha piedade dos seus orfãos. Sejam destruidos os seus descendentes e o seu nome apagado na segunda geração.»

— C'os diabos, isso é que são fígados! E os padres a dizer que Deus é pae misericordioso e a Igreja o governo da paz e do perdão!...

— E' como vês, amigo João. Aqui aconselha-se tudo, menos caridade e amor do proximo. Tudo menos piedade e misericordia. Aconselha-se o as-

sassinato e o roubo, o desprezo e o odio. Ordena-se a dureza e a vingança. Pedese aos avarentos que dêem caça ao pão dos tristes e aos estranhos que lhes roubem os bens.

Todo o mundo, até hoje, tem dito que faça a gente o bem e não olhe a quem, menos a Igreja, que, como vês, manda negar uma simples esmola a quem tem fome. Olha, cá está e bem claro: «Ninguém lhes estenda a mão; ninguém tenha piedade dos seus orfãos».

— Mas olha lá, isso está ahí?

— Homem, se queres lêo em latim: *Deripiant alieni labores ejus. Non sit...*

— Não, deixa o latim. Creio em ti. Mas custa a crer que haja almas capazes de escrever coisas d'essas. Isso nem se devia pensar. A mão que escreveu isso devia ser queimada e a bôca que tal disse atulhada com bosta!...

— Pois sim: os padres dizem que foi Deus e agora vae lá queimar-lhe a mão e atulhar-lhe a bôca.

— Mas seria Deus?

— Não, homem. Isso dizem os patifes quando querem fazer uma afirmação criminosa. Para que lhe não peçam contas, atiram as culpas para Deus.

Foi sempre assim, em todo o tempo, desde que ha embusteiros.

O Evangelho é contra a Liberdade

— Mas dizem que Cristo fez uma nova lei.

— Cristo não fez lei nenhuma, porque não escreveu nem uma letra. As palavras que lhe attribuem foram escritas por certos sacerdotes habilidosos, com o fim de explorarem a ignorancia popular. Nos Evangelhos ha coisas impossiveis.

Ouve o que, segundo o Evangelho, diz esse manso cordeiro: «Não penseis que vim trazer a paz á terra; eu não vim trazer a paz mas a espada. Vim trazer a discordia do filho contra o pae, da filha contra a mãe, da nora contra a sogra». (Matheos 10-34 e 35.)

Disse mais esse divino cordeiro: «Se alguém vem para mim e não odeia seu pae e sua mãe, a mulher e os filhos, os irmãos e as irmãs, e até a sua vida,

não pôde ser meu discípulo. (Lucas, 14-26.)

— Isso só um doido.

— E alguns já afirmaram isso. Publicou-se ha pouco um livro que sustenta a *loucura de Jesus*.

Mas ouve mais: «Trazei-me aqui os meus inimigos, que não quizeram que eu reinasse sobre elles e tirae-lhes a vida na minha presença. (Lucas, 19-27.)

— E dizem os padres que era manso e bom...

— Foi por estas e outras que alguns historiadores affirmaram que ou Cristo não existiu ou se existiu foi um doido.

— E tu que dizes?

— Eu digo que se os padres fossem creaturas de censo não atribuiam a Cristo estas palavras. Porque estas palavras só podiam vir d'um desequilibrado ou d'um patife.

— Mas elles querem que seja Deus.

— Mas tu intendes que nós temos obrigação de aturar um Deus assim? Um Deus que aconselha os filhos a que tenham odio aos paes?

— Com efeito... Parece impossivel! Se Deus assim fala...

— Mas não fala. Os padres é que o fazem falar. Os padres é que lhe atribuem todas essas patifarias, porque assim lhes convem para os seus fins. Porque Deus nunca falou aos homens.

— Mas eu sempre ouvi dizer o contrario: que Deus anda sempre a apparecer.

— São patranhas dos padres para enganar o povo. O proprio Evangelho é o primeiro a dizer que Deus nunca appareceu a ninguem. Vem em João, capitulo I, versiculo 18: *Deum nemo vidit unquam...* que quer dizer: nunca ninguem viu Deus.

— Estou deveras admirado.

— Admirado por ver o que os padres fazem. Porque tudo isto é obra dos padres. Os padres são os maiores inimigos da humanidade. São elles que provocam a principal miseria do povo. São elles que o querem ignorante e escravo, para só elles mandarem e assim poderem comer á farta, d'aquillo que o povo escravo ganha com o suor do rôsto. São elles que matam a Liberdade...

— A tal liberdade...

— A unica liberdade, porque o que elles chamam liberdade, não é tal liberdade. Tudo menos isso. A liberdade d'elles só serve para desgraçar e arruinar o povo. E' a liberdade de pau e corda, a liberdade do carcere e da força, a liberdade do odio e da morte, a liberdade de pensar como lhes convem.

E o meu visinho João, recostando-se para a parede, em ares de quem vae proferir uma sentença, disse:

— Vou pedir-te uma coisa.

— Diz lá.

— E' que vás ceiar comigo no dia de Natal.

— Se nisso te dou algum prazer, está certo que vou.

— Dás e grande.

— Então concedido.

— Obrigado. E agora boa noite: são horas.

— Amigo João, ás tuas ordens. E até amanhã.

E o João saiu meditativo...

NOTA FINAL

— Porque razão é que o padre nunca me ralhou por eu ter amigas e bater em minha mulher e hoje todo se ofendeu e irritou por eu não querer dar ao moço o meio alqueire de milho que elle queria?

— E' porque, para elle, a questão não é de moralidade, é de barriga. Ainda mesmo que elle soubesse que cuspiaste na cruz, contanto que não te esquecesses de mandar o vinho do costume e o milho de todos os annos, acrescentando ainda uma orelheira pelo Natal e um foliar pela Pascoa, não tivesses medo que elle cortasse as relações contigo.

Os padres são como as cabras ladras, vão sempre onde verdeja. Onde ha cibo. Casa que lhes não dê coisa alguma, podendo fazê-lo, é logo apontada como uma sinagoga e os habitantes denunciados como pedreiros-livres e inimigos de Deus.

— Mas olha que é isso mesmo.

— Ora se é...